

A tragédia do voo 447 da Air France na Revista Época: uma leitura semiológica

Roberto Ramos¹

Resumo: A queda do Airbus A330, da Air France, voo 447, Rio de Janeiro-Paris, com 228 passageiros, foi impactante. Reavivou o sentido de Tragédia no cotidiano. A Revista Época fez uma ampla cobertura sobre o fato. A sua representação, através dos discursos verbal e não-verbal, será o objeto de estudo do presente ensaio. Disponibilizaremos a Semiologia, de Roland Barthes, para interpretá-la, como informação midiática.

Palavras-chave: Tragédia. Fait Divers. Semiologia.

Abstract: The fall of the Airbus A330, Air France flight 447, Rio de Janeiro to Paris, with 228 passengers, was striking. Revived the sense of tragedy in everyday life. The Journal has a huge season advertisement about it. Its representation, through speeches verbal and nonverbal, will be the object of study of this test. Make available the semiology of Roland Barthes, to interpret it as information media.

Keywords: Tragedian. Fait Divers. Semiology

¹ É Professor de Doutor da PUCRS. Atua na Famecos, na Graduação e na Pós-Graduação. Possui as seguintes publicações: Futebol: Ideologia do Poder, Grã-finos na Globo, Manipulação & Controle da Opinião Pública, A Máquina Capitalista, A Ideologia da Escolinha do Professor Raimundo e o Âncora e o Neoliberalismo: A Privatização do Sentido. E-mail: rr@pucrs.br

A notícia do desaparecimento do Voo 447, da Air France, e, depois, o encontro dos destroços de corpos e do avião no oceano Atlântico foram impactantes. Ensejou os diálogos entre o sentido da Tragédia, contracenando com o apuro do desenvolvimento tecnológico.

O presente ensaio, em suas limitações, apresenta um foco. Procuraremos compreender e explicar a Notícia sob o ponto de vista semiológico. Usaremos, para tanto, a Teoria do *Fait Divers*, de Barthes. Contemplaremos a cobertura da Revista *Época*, de 8 de junho de 2009, em especial, a matéria, com o título, “A cidade alegre ficou triste. Paris ficou engolfada pela dor – e pelas interrogações”, em seus discursos verbais e não-verbais, estes, especificados, pelas Cores.

As Teias do *Fait Divers*

A expressão francesa “*Fait Divers*” designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista. Ela é bem anterior ao advento da Imprensa. Já existia em diferentes produções culturais, na Idade Média, habitando os cantos dos menestréis.

Em Barthes (1971), o “*Fait Divers*” é a informação sensacionalista. Expressa conflitos, através da Causalidade e da Coincidência. São dramas e tragédia, que interpelam a emoção do receptor, independente de seu estilo jornalístico.

Angrimani (1994, p. 27) refere que, em 1631, a *Gazette de France* lançou “edições extraordinárias de grandes tiragens, consagradas aos ‘*fait divers*’ sensacionais”. Depois desse jornal, os editores dos outros passaram a publicá-los, com mais intensidade, para aumentar seus rendimentos.

Na literatura, o “*Fait Divers*” inspirou os heróis de Balzac; as novelas de Flaubert, tal como *Madame Bovary*; e o romance de Stendhal, *O Vermelho e o Negro*. Proporcionou a Beauvoir e Sartre material, para os seus textos e Breton usou essa estrutura na poesia. Muitos outros escritores, também, sofreram a sua influência, assim como, artistas, que pintaram suas obras, baseadas em “*Fait Divers*”, salienta Walker (1995).

Inspirado em Habermas, Lattman-Weltman (2002, p. 11) observa três fases da Mídia brasileira:

- a) Pré-capitalista: 1808, com o surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro, trabalhando pequenas informações;
- b) Oposição e Opinião: a partir do Correio Braziliense, também em 1808, marcando a fase panfletária;
- c) Industrialização: a partir dos anos 50, do século XX, através da massificação midiática, como um sistema impresso e eletrônico.

O Fait Divers está presente nas três fases. Surge no momento pré-capitalista, com a Gazeta do Rio de Janeiro. Mantém-se no discurso oposicionista da fase panfletária com o Correio Braziliense, e alcança a industrialização, sobretudo, a partir do jornal Última Hora.

Ao longo do século XX, vários teóricos se preocuparam e se ocuparam com a sua importância. Foram os casos de Baudrillard (1995), Maffesoli (1988) e Morin (1985). Todos se voltaram, sobretudo, com as suas questões conceituais.

Baudrillard (Ibidem., p. 24) foi incisivo. Observou que existe uma “universalidade do Fait Divers” na Comunicação massiva. Sublinhou a sua onipresença em diferentes manifestações informativas: “[...] Toda a informação política, histórica e cultural é acolhida sob a mesma forma, simultaneamente, anódina e miraculosa do Fait Divers”.

Barthes (1971) transgrediu o perímetro conceitual. Arrumou-lhe uma tipologia básica, organizada por duas categorias: Causalidade e Coincidência. Ambas se subdividem em subtipos, direcionados, para a compreensão da excepcionalidade, introdutora da noção de conflito.

O primeiro tipo, o “Fait Divers” de Causalidade, apresenta duas manifestações:

Causa Perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito;

Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos — criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971, p. 276-271).

Na Causa Perturbada, a excepcionalidade está localizada no porquê da factualidade. Existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão ou pela ilogicidade. Em quaisquer das possibilidades, existe a formalização de uma situação de conflito.

O conflito vem à tona pela factualidade. Materializa-se, narcisicamente, no presente, porém conserva o motivo, recalcado, submerso no passado. O determinado é visto, solidificado pelo fato, embebido pela historicidade; o determinante, oculto, abstrato, deixando somente os indícios de seus domínios.

Observamos que há, formalmente, a estruturação de uma situação conflituosa. Esta interpela e obtém reconhecimento não apenas pelo dito, mas, primordialmente, pela forma de dizer. Ocorre a representação da dialética da subjetividade: a consciência é o dito, o efeito, o factual, o denotado, o determinado; a Inconsciência, o não-dito, a causa, o contexto, conotado, determinante.

A condição de sujeito é uma condição conflituosa. O interpelado se reconhece nesta factualidade, trazida pelo "Fait Divers". Ele é, também, um efeito, em nível de consciência, com causas desconhecidas, imprecisas e ilógicas, mantidas no Inconsciente. Ao se reconhecer, vive o que está fora, como se fosse seu — Identificação Projetiva —, que enseja a Catarse.

Na Causa Esperada, a excepcionalidade troca de posição. Desloca-se para os protagonistas, que são responsáveis pela instauração do conflito. A dramaticidade apanha três tipos de sujeitos básicos: criança, mãe e idoso. Eles representam os diversos ciclos do processo do existir humano.

A criança, a mãe e o idoso simbolizam a fragilidade e a pureza humanas, decodificadas na dimensão do bem. Por suas próprias características, eles estão revestidos de circunstâncias, pronunciadas pela dramaticidade.

No “Fait Divers” de Causalidade, através da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de um conflito, não-classificado pelo conhecimento humano. Torna-se inexplicável aos recursos da racionalidade e dos pressupostos da intelectualidade, ficando ininteligível na dimensão histórica.

Os sujeitos relativos não conseguem ter respostas, para a situação conflituosa estabelecida. Ficam impotentes, sem recursos de compreensão. Recorrem a um Sujeito Absoluto, tal qual na Tragédia Grega, quando um “Deus-ex-Machina” entrava em cena, para contornar os impasses incontornáveis historicamente. Prevalece a lógica da Fatalidade.

A Fatalidade é o Sujeito Absoluto, o grande pai transcendental, que possui a explicação para o inexplicável. Representa a iluminação do oculto, o conhecimento do desconhecido pela onisciência e onipresença. Assume a responsabilidade sobre todas as coisas e a plenitude do todo. É o fiador perfeito, para todas as imperfeições, inscritas na relatividade histórica da sujeição.

Tudo está pronto e harmonizado na Fatalidade. É o espelho, por excelência. Interpela os sujeitos relativos, que se reconhecem, com liberdade, no seu Poder – Libido dominante, conforme Barthes (1997) – e se tornam submissos diante do seu pleno e indizível saber, causa de todas as causas e suprema revelação de quaisquer enigmas de subjetividade.

Na “Fait Divers” de Causalidade, pelas singularidades da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de conflitos, que interpelam. São reconhecidos, porque reproduzem a dialética da subjetividade. Ensejam, por conseguinte, a Identificação Projetiva, que possui um final feliz, uma saída catártica: a Fatalidade, o Sujeito Absoluto, garantia de harmonização e suprema desculpa para todas as culpas, desde que, com liberdade, seja pago o dízimo da submissão.

O segundo tipo, proposto por Barthes (1971, p. 271-274), é o “Fait Divers” de Coincidência, subdividido, também, em duas manifestações:

- a) Repetição: é o igual, que se reproduz com diferença, conforme Lacan (1990), no âmbito de uma matéria jornalística;

- b) Antítese: duas perspectivas diferentes, distantes, antagônicas, são fundidas em uma única realidade. Uma de suas formas de expressão é o Cúmulo (a má-sorte), figura da Tragédia Grega.

A Coincidência despe o homem de sua responsabilidade histórica. Conforta-lhe com a irresponsabilidade, desculpando as suas próprias culpas. Permite-lhe regredir a um estágio de menor idade, que lhe assegura a omissão diante de seus atos. É a garantia de transferir a responsabilidade, para uma noção de Fatalidade.

A Repetição da fato, sem uma lógica histórica, remete para a noção de Coincidência. O repetir não é a reprodução do original, como cópia, porém a sua reprodução com diferenças, no desigual. Insinua a onipresença da fato, que se mantém em quaisquer circunstâncias.

O Inconsciente se reconhece, através da Identificação Projetiva, não pela reprodução do evento, originalmente, recalcado, mas por uma analogia formal do enfoque conflituoso. É onipresente, porque conserva o conflito recalcado pela Repetição na desigualdade de diferentes circunstâncias.

A Antítese mistura os opostos, os antagônicos em uma mesma dimensão do real. Os dissociáveis se tornam indissociáveis, como se fossem gêmeos univitelinos. Os desiguais ficam igualados por uma inteligência não-materializada, sem significação corpórea, que reina na abstração. Uma de suas pronúncias é o Cúmulo, onde o trágico faz as vítimas.

Observamos que a Repetição e a Antítese estabelecem a Coincidência, reproduzindo a linguagem trágica, com o “Deus-ex-Machina”, tal qual faz o “Fait Divers” da Causalidade. Mesmo com outras particularidades, agora, também, o caminho é igual: a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, para desatar os nós coincidentes.

Os dominantes e os dominados, ricos e pobres, belos e feios compõem um rebanho harmônico, apesar de suas divergências. Possuem o mesmo ancoradouro. Compartilham, pelos atalhos da Causalidade e da Coincidência, do mesmo caminho: a Fatalidade, uma categoria de fácil disponibilidade e de elástico uso no Senso Comum.

Na teorização de Barthes (1971, p. 299) sobre o “Fait Divers”, o conceito de estrutura é essencial. Ele o explica da seguinte modo:

A estrutura é, pois, na verdade um simulacro do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz algo que permanecia invisível, o se preferirmos, inteligível no objeto natural.

Barthes realiza um simulacro, dirigido do “Fait Divers”. Concede-lhe um conceito. Oferece-lhe uma estrutura, com duas categorias: a Causalidade e a Coincidência. Ambas estão direcionadas, para a classificação da excepcionalidade, fixada na dimensão do conflito, respectivamente, através da Causa Perturbada e Causa Esperada, da Repetição e da Antítese. Revela-lhe a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, análogo ao “Deus-ex-Machina” da linguagem trágica.

Na abordagem estruturalista, o mais importante não é o dito. As histórias, os protagonistas e as circunstâncias são variáveis no tempo e no espaço. São perecíveis. O que importa é a estrutura, a forma de dizer, o significante invariante, que tem permanência perante quaisquer possibilidades de mutação.

Cabe destacarmos que não existe uma estrutura pura. Em qualquer “Fait Divers”, é possível encontrarmos características simultâneas de Causalidade e de Coincidência em interação. Nessa interrelação, todavia, há uma estrutura invariante, determinante da abordagem e identificado, por conseguinte, a sua tipologia e a sua consequente tipologia.

Em relação ao “Fait Divers” de Coincidência de Repetição, permite dois modos de aplicação. O primeiro se estrutura por qualquer facticidade, que se repita, o segundo se refere a qualquer tipo de “Fait Divers”, quando repetido. Esse, no caso, passa a ter duas estruturas, determinando duas tipologias simultâneas, uma delas, dependendo da situação, deverá prevalecer, constituindo uma classificação específica.

Barthes (1971) enfatiza que o “Fait Divers” possui um consumo imediato. Notabiliza-se pela sua imanência. É fechado no seu próprio contexto, que é a única perspectiva do seu saber. Não reivindica nada, que possa transcender o seu próprio território. Está preso no presente, cristalizado no aqui e no agora. É, por excelência, narcísico.

O “Fait Divers”, em suas diferentes manifestações, é utilizado na Mídia, com diversas abordagens. Aparece no tratamento da realidade e da ficção, seja nas telenovelas, nos telejornais, nos “talk-shows”, nos programas de humor, no noticiário da Imprensa e na Publicidade.

O “Fait Divers” é, por natureza, sensacionalista. Tanto pela Causalidade — Causa Perturbada e Causa Esperada —, e pela Coincidência — Repetição e Antítese —, interpela pela emoção. As suas estruturas são constituídas pelas anomalias e pelas excepcionalidades, marcadas, em essência, pela valorização do espetacular. Conotam a Fatalidade, como explicação do real.

Em maior ou menor grau, a Mídia é sensacionalista por natureza. É o agente da interpelação, que busca o reconhecimento do interpelado e a sua conseqüente submissão. Está, também, submetido à audiência, aos patrocínios e ao lucro. À medida que a mensagem se encontra dominada pelo Valor de Troca, transforma-se em mercadoria. Não há como ela abdicar do Sensacionalismo, explícito ou implícito, mas presente.

O “Fait Divers”, em suas várias pronúncias, tem um Sistema de Significação particular. Denota a factualidade presente, e, ao mesmo tempo, conota o conflito. Possui uma interpelação narcísica com o receptor, que identifica, projetivamente, os seus conflitos inconscientes no formato conflitante da informação.

O Poder, no “Fait Divers” é a expressão do domínio do individualismo, manietado pela emocionalidade. Não importa o uso da razão. O que conta e dá saldo é a exploração das emoções, reprimidas no Inconsciente, que emergem, através da Identificação Projetiva, responsável pela Catarse.

O Fait Divers e o Voo 447

A Revista Época, de 8 de junho de 2009, apresenta uma edição especial sobre a Tragédia.. Agencia várias matérias. Optamos pela “A cidade alegre ficou triste. Paris foi engolfada pela dor – e pelas interrogações”.de Paulo Nogueira (p. 64-67). Repercuta o acidente aéreo em Paris, mais precisamente, na missa na Catedral de Notre-Drame. Parece estabelecer os efeitos do sentido trágico, na terra natal da Air France.

O título estabelece, "A cidade alegre ficou triste". Existe o complemento, por intermédio do subtítulo, "Paris foi engolfada pela dor -- e pelas interrogações". Todas as letras aparecem em branco, contrastando com o fundo em preto.

Há uma mutação, realizada pela oposição de sentidos. O alegre "ficou triste". É a unificação dos contrários, dos antagônicos, dos opostos, colados, simbiotizados no mesmo cenário da realidade, marcado e demarcado pela densidade da dor do luto. É a presença de um significante: a Antítese.

Tal lógica de produção de sentido parece prosseguir. A cidade de Paris "foi engolfada pela dor -- e pelas interrogações". Ambas estão conectadas pela adição da conjunção "e". A dor é a manifestação do concreto, da certeza. As interrogações dão curso ao espaço das incertezas.

As Cores não são representações aleatórias. Possuem um investimento simbólico. Assumem importância metafórica. Condensam sentidos. Materializam aspectos e práticas psicológicas. Encenam os tons emocionais das fronteiras entre a vida e a morte.

O branco, do título e do subtítulo, está engolfado pelo preto. É relacional. Afirma, através das Cores, o que já pronunciado e representado, por intermédio das palavras. Opera uma confirmação de sentido. É a Redundância informativa, unindo o verbal e o não-verbal.

O preto e o branco podem apresentar uma pluralidade de simbolizações em uma perspectiva genérica. Estão, todavia, convivendo e respirando um contexto específico – a Tragédia do voo 447, da Air France. Aí, assumem tonalidades singulares. Ambos se relacionam pela codificação da Antítese.

O preto parece estabelecer uma alusão. É o luto, como referencialidade da dor, agenciada pela perda. O nada será como antes. Possui um sentido coletivo, mas pode ter uma ênfase no sentido individual. Fere o Narcisismo humano. A Onipotência parece desfalecer. O controle é a própria fisionomia do descontrole.

O branco, como simbolismo da paz, perdeu o seu chão e o seu continente. Não tem mais a hegemonia das emoções. Foi ultrapassado pelo peso e pelas medidas,

desmedidas das dores irreparáveis do luto, como uma ferida narcísica, sempre distante de uma pronta cicatrização.

O primeiro parágrafo refere uma senhora, de aproximadamente, 80 anos, na Igreja de Notre-Dame, onde ocorre a missa pelos mortos no acidente. Em princípio, temos uma Personagem Dramática, através do seu perfil etária, como observa Barthes (Ibidem., 1971).

Ela não está só. Contracena com uma “garota”, que a matéria, assim a designa, sem informar, contudo, a sua idade, que faz barulho. A idosa lhe chama atenção. Parece lhe impor a sua autoridade, conquistada pelo empirismo do tempo, ao lhe dizer: “Silence”. A cena carrega o confronto de gerações, sintetizado por uma hierarquia do tempo e do trágico, operacionalizando uma Antítese.

O discurso lembra que foi o pior acidente da Air France. Resgata anteriores. Fixa, ainda, o perfil do piloto, Marc Dubois, com uma trajetória de 11 mil horas de voo. As informações estão ordenadas e coordenadas por um significante. É a Repetição.

O avião possuía 18.870 horas de voo. Dispunha de alta tecnologia. Estava cercado por vários fatores de segurança. Era um Airbus. Tudo isso não foi suficiente. A segurança cedeu à insegurança. Eis o sentido trágico, configurado pela Antítese.

Em Notre-Dame, a tarde era linda e, ao mesmo tempo, triste. Misturava populares com celebridades. O presidente francês, Nicolas Sarkozy, e a primeira-dama, Carla Bruni, estavam presentes. Concediam uma moldura oficial ao ritual religioso. Os diversos se encontravam unificados pelo conflito do luto trágico, materializado pelos sentidos antitéticos.

A francesa, Liliane Pawlak, procurava pelo filha, que estava no voo, telefonando, para Air France. A vida e a morte inseparáveis, com os seus limites sutis, com as suas fronteiras tão tênues, sintetizadas, discursivamente, pelo empreendimento de um significante – a Antítese.

O Código, forma de organização do discurso verbal e não-verba, através das Cores, evidenciou dois significantes básicos. Foram a Antítese, como simbolização do conflito trágico, e a Repetição, como expressão de que a realidade corre e ocorre à revelia do controle humano.

Portanto, a Antítese e a Repetição, como significantes, configuraram o *Fait Divers* de Coincidência, como tipologia informativa. Houve, nas conexões entre a abordagem sensacionalista e a Tragédia, uma síntese de pacificação. O homem se desculpa de suas culpas, projetando-as nas costas largas de um Deus-ex-Machina: a Fatalidade. Estamos todos bem. Assim, seja!

Referências bibliográficas

- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue- Um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa**. São Paulo: Summus, 1994.
- BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- _____. **Aula**. 9.a ed.. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- LACAN, Jacques apud HARARI, Roberto. **Uma Introdução aos Quatro Conceitos Fundamentais de Lacan**. Campinas: Papirus, 1990.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando apud HOHLFELDT, Antonio e BUCKUP, Carolina. **Última Hora- Populismo Nacionalista nas páginas de um Jornal**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum** - Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no século XX – O espírito do tempo** – volume 1, Neurose. Rio de Janeiro: Foesne-Universitária, 1984.
- WALKER, David H. **Outrage and Insight – Modern French Writers and the Fait Divers**. Oxford/ Washington: Berg Publishers, 1995.
- NOGUEIRA, Paulo. A cidade alegre ficou triste. Paris foi engolfada pela dor – e pelas interrogações. Revista Época, São Paulo, nº 577, 8 de junho de 2009.